

Tradução científica, tradução cultural, tradução poética

Amálio Pinheiro

Parece-me que a relação entre as obras – para não ser meramente acumulativa e seqüencial, mas produtiva e reativa – pode ser medida pelo crivo das operações tradutórias, dentro de um percurso crítico que enfeixasse desde as questões lingüísticas trazidas pelas grandes revoluções científicas e culturais até aquelas surgidas do contágio entre linguagens distintas e entre os menores elementos dentro de cada texto. O nó górdio é poder dar a obra conta da contaminação entre os quatro estágios: o científico, o cultural, o que se dá entre as diversas e cada vez mais proliferantes séries artístico-comunicacionais e aquele que se plasma na massa intersignífica específica de um dado texto.

O primeiro deles é bem desdobrado por Thomas Kuhn. Ao separar os avanços científicos “normais”, aqueles em que lentamente se elaboram por proximidade analógica os substitutos metafóricos familiares a uma mesma comunidade científica, daqueles chamados revolucionários, que “põem em jogo descobertas que não podem acomodar-se dentro dos conceitos que eram habituais antes de que se fizessem ditas descobertas”⁽¹⁾, traz de modo crucial à baila novas implicações e complicações da tarefa tradutória.

Resumindo abruptamente a teoria de Kuhn, chamam-nos a atenção suas duas espécies de tradução. A primeira, chamada de tradução propriamente dita, serve aos casos em que não tenha havido uma brusca modificação no modo de estruturar a relação entre a linguagem e os referentes: “Vamos dizer simplesmente que o texto traduzido conta mais ou menos a mesma história, que apresenta mais ou menos as mesmas idéias, ou que descreve mais ou menos a mesma situação que o texto do qual é uma tradução (...) Naturalmente, pode ter aumentado o número de referentes conhecidos de um dado termo, mas não foi alterado o modo como esses referentes, antigos e novos, se determinam (...) A tradução consiste só em palavras e frases que substituem (não necessariamente uma a uma) palavras e frases do original”⁽²⁾. A este primeiro tipo kuhniano equivale (se o aplicarmos ao território da tradução poética) a descartável tradução literal, que ignora as mudanças reativas exigidas pelo transplante para a concretude da língua de chegada, detendo-se dentro de um fácil mecanismo metafórico de substituições por similitude semântica abstraídas do mosaico reagente de significações.

Para algo mais interessante aponta a segunda espécie de Kuhn, chamada de “interpretação”, reservada para os casos em que a homologia estrutural entre as línguas não resolve a “incomensurabilidade” entre a nova revolução científica e as comunidades científicas e lingüísticas em vigor. Agora se fazem necessários dois requisitos. Em primeiro lugar, é fundamental observar o caráter holístico dos termos a serem traduzidos: “Esta é a razão de que a ‘força’ e a ‘massa’ newtonianas não sejam traduzíveis à linguagem de uma teoria física (aristotélica ou einsteniana, por exemplo) que não utiliza a versão de Newton da segunda lei. Para se apreender qualquer destes três modos de fazer mecânica, os termos inter-relacionados em alguma parte local da rede da linguagem devem ser apreendidos ou reapreendidos simultaneamente, e aplicados em seguida à

AMÁLIO PINHEIRO é professor do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, tradutor e autor de *César Vallejo: o abalo corpográfico* e *Vallejo a dedo* (ambos pela Arte Pau-Brasil).

1 Thomas S. Kuhn, *Qué son las revoluciones científicas? y otros ensayos*, Barcelona, Paidós, 1989, p. 59.

2 Idem, *ibidem*, pp. 103-4.

**O moderníssimo Iuri
Tinianov foi o precursor,
entre os formalistas,
ao mostrar... que a
"qualidade diferencial"
a ser percebida num
"fato literário" é
a sua "correlação
seja com a série
literária, seja com uma
série extraliterária". Quem
traduz não pode perder de
vista desde os
menores movimentos
significantes aos grandes
planos temáticos**

natureza como um todo. Não é possível simplesmente transmiti-los individualmente mediante uma tradução"⁽³⁾. O segundo requisito da segunda espécie de tradução kuhniana já é um corolário do enunciado anterior, e consiste na necessidade do tradutor não perder de vista a relação discordante e deslocada de proximidade e contraste entre as culturas intérpretes de uma determinada revolução científica: "Este modelo muito parcial do modo como os falantes emparelham a linguagem com o mundo pretende reintroduzir dois temas que aparecem com frequência neste artigo. Sem dúvida, o primeiro é o papel essencial dos conjuntos de termos que as pessoas educadas numa cultura, seja esta científica ou não, devem aprender ao mesmo tempo, e que as que são alheias a essa cultura devem considerar ao mesmo tempo durante a interpretação"⁽⁴⁾. São estes dois requisitos que separam, na terminologia kuhniana, a interpretação da tradução, tornando a primeira mais apta a traduzir as mudanças conceituais, dentro de sistemas lingüístico-culturais diversos, que acompanham os saltos mais bruscos da ciência. Desse movimento de interpretação tradutória creio aproximar-se aquilo que costumamos chamar de infidelidade poética da tradução (ainda que

Kuhn se sirva apenas, para pesar a comunicabilidade das revoluções na ciência, do plano do significado na rede de linguagem a ser traduzida).

O acima exposto aponta para o fato de que os sistemas filosóficos, que entram em interações variadas com os sistemas tecnológico-científicos mais radicais, podem ser traduzidos pelos intérpretes-tradutores da cultura, entre os quais o tradutor poético é uma espécie radicalíssima (que coloca em ação "todos" os planos reativo-operativos da linguagem dentro de cada novo bolsão de espaço e tempo). Podemos assim compreender melhor a frase com que Bachelard inaugura o seu "Prefácio" à *Filosofia do Não*: "A utilização dos sistemas filosóficos em domínios afastados da sua origem espiritual é sempre uma operação delicada, muitas vezes uma operação falaciosa. Assim transplantados, os sistemas filosóficos tornam-se estéreis ou enganadores; perdem a sua eficácia de coerência espiritual, eficácia tão sensível quando são revividos na sua originalidade real com a fidelidade escrupulosa do historiador, e perde-se também a satisfação de pensar o que nunca será pensado duas vezes. Será pois necessário concluir que um sistema filosófico não deve ser utilizado para outros fins para além dos que ele se atribui"⁽⁵⁾. Compreende-se também melhor uma insistente advertência de Borges às traduções alemãs das *Mil e uma noites*: "Há maravilhas nas Noites que eu gostaria de ver repensadas em alemão (...) O que não faria um homem, um Kafka, que organizasse e acentuasse esses jogos, que os refizesse segundo a deformação alemã, segundo a *Unheimlichkeit* da Alemanha?"⁽⁶⁾. E o moderníssimo Iuri Tinianov foi um precursor entre os formalistas, ao mostrar, na mesma linha, analisando a mobilidade paródico-intertextual da literatura, que a "qualidade diferencial" a ser percebida num "fato literário" é a sua "correlação seja com a série literária, seja com uma série extraliterária"⁽⁷⁾. Quem traduz não pode perder de vista, desde os menores movimentos significantes aos grandes planos temáticos, essa necessidade de montar uma discórdia operativa a partir do novo enquadramento lingüístico-científico-cultural em que se inclui cada obra. Como anunciava o mesmo Tinianov: "O sistema da série literária é antes de tudo o sistema das funções da série literária que se encontra em relação ininterrupta com as outras séries. As séries mudam nos seus componentes, mas a diferenciação das atividades humanas permanece. A evolução literária, como também a evolução das outras séries culturais, não coincide nem no seu ritmo nem no seu caráter (por causa da especificidade

3 Idem, ibidem, p. 116.

4 Idem, ibidem, p. 130.

5 Gaston Bachelard, *A filosofia do Não*, "Os Pensadores", São Paulo, Abril, 1984, p. 3.

6 Jorge Luís Borges, "Os tradutores das 'Mil e uma noites'", in *História da eternidade*, Porto Alegre, Globo, pp. 94-5.

7 Jurij Tynjanov, "Sul' Evoluzione Letteraria", in *Avanguardia e Tradizione*. (int. Viktor Sklovskij), Bari, Dedalo Libri, 1968, p. 49.



Banco de Dados

do material que maneja) com as séries correlatas”⁽⁸⁾. Já poderíamos daqui em diante iniciar um diálogo crítico com aquelas traduções poéticas que, embora inimigas naturais da literalidade, esgrimem as absolutamente necessárias reconstruções formais sem impregná-las da saudável e intransponível descontinuidade temporal-espacial entre os textos, optando antes por uma sorte de redistribuição lúdica na direção regressiva das marcas logocêntricas, ainda que em expansão produtiva, da origem do original.

Se fosse possível, a partir do diálogo com Kuhn, conjugar as idéias contidas nessas frases de Bachelard, Borges e Tinianov, eu diria que um tradutor-transcriador não pode eximir-se de embutir em todos os planos interativos do material traduzido o modo como as revoluções científicas vieram e vêm sendo traduzidas pelas coordenadas culturais múltiplas e convergentes em que se embebe a língua de chegada. Dou um pequeno exemplo, tirado das amostras de Sérgio Buarque de Holanda, sobre a transição tradutória colossal realizada entre duas etapas científicas antes grandemente dissociadas no tempo e no espaço: “... não custa desde já apontar para um dos motivos aparentes do bom sucesso da gente de São Paulo neste particular, comparado à atrofia que sofreu a expansão castelhana, depois do ímpeto inicial. Ou seja, para a aptidão maior que os primeiros revelaram no absorver e no conservar certos recursos indígenas, mormente os de locomoção à distância, e no rejeitar técnicas menos rudimentares, não raro, mas também menos aptas a superar os muitos embaraços opostos ao seu avanço”⁽⁹⁾. Isso quer dizer que a série de inventos, como armas, meios de locomoção e navegação, etc., saídos da expansão do mundo europeu e renascentista em crescimento contínuo, tinham aqui sido readaptados, para efeitos de tradução científico-civilizatória (a interpretação kuhniana), conforme o aparato local de linguagens e muito provavelmente conforme, juntamente, os influxos arábigo-ibéricos trazidos já dos muitos séculos de convivência peninsular. Tudo isso implica uma noção, queira-se ou não, de história, técnica e ciência não-esférico-galilaicas e não-eurocêntricas, que o tradutor atento (da ciência, da cultura, da poesia) pode ao menos indiciar, realçar, desdobrar. Leia-se, entre muitos outros casos e exemplos, R. Rashed: “A atenuação da oposição entre ciência e arte parece de verdade ser a obra do conjunto das correntes intelectuais do período árabe (...) Em resumo, um conhecimento pode a partir de então ser científico sem que se conforme nem ao esquema aristotélico nem ao esquema euclidiano”⁽¹⁰⁾.

O tradutor de um texto poético tem de fazer as suturas, desde os elementos semânticos aos grafemáticos, entre ciência e cultura, que a própria língua já pode configurar como tradução (diz Severo Sarduy: “Quando o falar cubano se agita, há sempre várias línguas (várias civilizações) que se expõem, e o centro não está em parte alguma”)⁽¹¹⁾. Só assim consegue o ato tradutório enfrentar a tensão signífico-interpretativa provocada

Palavra do poeta, óleo sobre tela
do pintor catalão Joan Miró, 1968

8 Idem, ibidem, pp. 53-4.

9 Sérgio Buarque de Holanda, *O extremo oeste*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 49.

10 Rashed Rashed, “La Notion de Science Occidentale” in *Entre Arithmétique et Algèbre – Recherches sur l’Histoire des Mathématiques Arabes*, Paris, Les Belles Lettres, 1984, p. 314.

11 Severo Sarduy, *Barroco*, Lisboa, Vega, 1988, p. 11. Cit. por José Manuel de Vasconcelos.



O escritor argentino Jorge Luis Borges

pela colisão entre as grandes revoluções científicas de Kuhn e o leque de abalos lingüístico-culturais que, segundo Tinianov, a série literária põe em ação. Diz este último: “A evolução da função construtiva é que atua rapidamente; aquela da função literária é produzida de uma época a outra; aquela de toda a série literária, em relação às séries vizinhas, necessita de séculos”⁽¹²⁾. São esses séculos de afastamento e deslocamento que têm de ser reconhecidos e impressos, lance a lance.

Não há tradução se o que vier de fora não reagir, por sua vez, sobre todo o conjunto lingüístico em que entrou, como uma pilha voltaica acelerando novas conexões a partir da imantação entre dois ou mais sistemas de linguagem. Quando o peruano César Vallejo em *Trilce XIII*, diz: “*Pienso en tu sexo*”; e depois: “*Oh estruendo mudo. ¡iOdumodneuritse!*”, está pondo em sintonia mundos textuais de diversa extração histórico-geográfica, que pedem ação tradutória. O par /s/ e /x/ faz repercutir sonoramente o conflito entre cabeça e corpo, dilema filosófico aristotelizante aqui exposto de maneira direta e debochadamente coloquial-jornalística: “*Pienso en tu sexo*”. Reparem-se também nas inserções naturais das rimas toantes internas e no ritmo binário das paroxítonas, que acentuam a cadência e marcam a não-gratuidade das relações entre as séries vizinhas (coloquial, oral, telegráfico-jornalística) e a urdidura do próprio verso (série poética). A implosão do verso final, que reescreve o penúltimo ao revés, explode consigo as conhecidas dualidades conceptistas herdadas do *Siglo de Oro* e o dilema entre o alto e o baixo da tradição metafísica. Os elementos composicionais aprendidos com o meio jornalístico (mobilidade gráfico-espacial e gráfico-visual, velocidade e corte telegráficos, etc.) são exponenciados e ao mesmo tempo reacomodados pela sonoridade, rimas, metro, etc., que revelam a nova postura auditiva do poeta, estridente e disrímica, frente à herança lírica em voga. Seria possível a um tradutor desprezar essa luta sonora contra os esquemas vigentes de dominação política do ouvido através do verso? E mais: poderia deixar passar em branco a sua refuncionalização conforme a situação evolutiva do verso à época da última tradução e conforme os efeitos similares de luta desdobráveis pelo universo científico, cultural e lingüístico do idioma tradutor?

12 Jurij Tynjanov, op. cit., p. 54.